

SESSÃO PLENÁRIA

Gramática do léxico. Partilha de recursos e de processos morfolexicais

Graça Rio-Torto
Universidade de Coimbra:
FLUC, DLLC e CELGA

gracart@gmail.com

1. Introdução

Estudados que estão os processos e os paradigmas morfolexicais da língua portuguesa pela equipa de morfologia lexical do CELGA (www.uc.pt/uid/celga), cujos resultados se encontram na *Gramática derivacional do Português* (2013), cumpre agora investir no conhecimento das redes — para nós não sequenciais nem apenas radiais, mas multipolarizadas e multidirecionadas — de que se tece a dinâmica interna do léxico mental e, portanto, da competência lexical.

A observação do funcionamento do sector genolexical torna patente a intensa interacção entre os diferentes domínios da gramática, a intensa interacção entre processos, paradigmas e recursos (isofuncionais e heterofuncionais), a permeabilidade de uns e de outros, a existência de parencas de família, de domínios e de unidades em *continuum* que cooperam para um eficaz funcionamento dos mecanismos da língua e do seu léxico.

Vamos explorar as conexões e interacções que se estabelecem entre processos e recursos. Esses nexos são abundantes, pervasivos, e fazem parte do ADN de unidades, de paradigmas, de processos.

Neste trabalho propomo-nos constatar como as interconexões na morfossemântica do léxico se tecem pelo menos em três frentes:

Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, 2014, pp. 3-25, ISBN 978-989-97440-3-5

- (i) uma mesma forma afixal inscreve-se em vários paradigmas, tendo portanto sentidos diferenciados, ainda que relacionados ou relacionáveis.
- (ii) um mesmo sentido morfolexical é codificado por vários esquemas genolexicais.
- (iii) os paradigmas categoriais e semânticos intersectam-se de forma mais e menos intensa, em função de variáveis diversas

A estrutura deste estudo é a seguinte: em 2. apresentam-se sumariamente os pressupostos e hipóteses em que se escora o trabalho; em 3. descrevem-se exemplos de monovalência e de plurivalência semântica de sufixos formadores de nomes denominais; em 4 analisam-se algumas combinatórias monocategoriais e pluricategoriais de afixos uniparadigma e de afixos pluriparadigma, refletindo sobre as consequências teóricas da descrição proposta. Em 5. apresentam-se conclusões.

2. Pressupostos e hipóteses

Os pressupostos teóricos e metodológicos que norteiam a análise aqui empreendida são os que presidem à descrição levada a cabo em Rio-Torto *et al.* (2013), amplamente expostos no cap. 1 da *Gramática derivacional do Português* e aplicados nos demais capítulos desta.

A construção de unidades lexicais derivadas processa-se com base em radicais/temas lexicais e em afixos, e as regularidades observáveis na combinação de umas e de outros são tradicionalmente conhecidas por “Regras de formação de palavras” (Corbin 1987; Rio-Torto 1993; 1998). O conceito de “regra” não é normativo, mas puramente descritivo, pois estas são entendidas como expressão das regularidades morfo-semântico-categoriais que estão na base da formação das unidades lexicais.

No âmbito dos mecanismos de construção lexical distinguem-se **processos e paradigmas ou padrões de construção** (Rio-Torto 1998).

Os processos podem ser (cf. Pereira 2013, Rio-Torto 1998, 2013, 2014, Rodrigues 2001)

- **aditivos:** toda a afixação (prefixação, sufixação, circunfixação) e composição, em português
- **subtrativos:** *Alex*, por *Alexandre*; *bora*, por *embora*; *prof*, por *professor*; *noia*, por *paranóia*; *quimio*, por *quimioterapia*
- **reduplicativos:** *assim-assim*, *blablablá*, *bombom*, *lufa-lufa*, *vovó*, *vovô*, *Zezé*, *zunzum*
- **interativos**, como na amálgama/fusão/*blending*: *burrocrata*, *diciopéda*, *fantabulástico*, *meretríssimo*, *nim*, *omentir* (omitir \cap mentir), *sarroto* (solução \cap aroto)
- **conversivos**, como na formação de nomes deverbais conversos (*abraçar*: *abraço*; *guiar*: *guia*; *voar*: *voo*) e de verbos denominais ou deadjetivais por conversão (*açucarar*, *aclarar*, *ensombrar*, *engordar*, *esburacar*, *esvaziar*)

Os padrões de construção são paradigmas morfo-semântico-categoriais que, no âmbito de cada mecanismo ou processo, organizam as relações entre bases, afixos (quando atuantes) e produtos. A estes paradigmas deu-se durante algumas décadas o nome de “Regras de formação de palavras”. Mas deixamos de usar este conceito, pelo facto de em alguns trabalhos ele continuar a ser equivocadamente entendido como normativo.

Na competência linguística e, mais especificamente, na competência morfolexical do falante, os paradigmas no âmbito dos quais se processa a construção de unidades lexicais podem organizar-se em função das bases ou dos afixos.

Os paradigmas genolexicais podem ser organizados em função de três dimensões, sendo portanto de três tipos:

1.1. **paradigmas categoriais** (doravante paradigmas de *input* e paradigmas de *output*), organizados com base nas classes lexicais de *input* e de *output*:

- . paradigmas nominalizadores (*administradora*, *administracão*, *contentamento*, *engenheira*, *liderança*, *toxicidade*, *sensatez*),
- . paradigmas adjetivalizadores (*caloroso*, *fílmico*, *ministerial*),

- . paradigmas verbalizadores (*custear*, *frutificar*, *velejar*, *tiranizar*),
- . paradigmas denominais (*floral*, *florescer*, *florista*),
- . paradigmas deadjetivais (*acidez*, *alcalinidade*, *triumfalismo*),
- . paradigmas deverbais (*contagem*, *contável*, *criação*, *salvamento*), e
- . paradigmas heterocategoriais e paradigmas isocategoriais, em função da alteração, ou não, da classe da base.

2. paradigmas semânticos, organizados com base na relação semântica entre *input* e *output*:

- 2.1. paradigma de formação de nomes de estado deverbais (*regozijo*, *contentamento*) ou deadjetivais (*gravidez*, *insanidade*, *tristeza*)
- 2.2. paradigma de formação de nomes de profissional de atividade denominais (cf. *pedreiro*, *engenheira*, *pianista*) ou deverbais (*administradora*, *consultora*, *lavadeira*)
- 2.3. paradigmas de formação de nomes locativos denominais (*infantário*, *oceanário*, *olival*, *pinhal*) ou deverbais (*corredor*, *logradouro*, *passadeira*)

3. paradigmas organizados por afixos formalmente e/ou semanticamente aparentados (cf. 4.2.)

Como o sector funciona em estreita articulação interna, as dimensões que sustentam os paradigmas interseitam-se, gerando várias outras classes exponenciais. Um exemplo de interseção de algumas destas categorias é o do paradigma de adjetivalização (i) deverbal (*comutável*, *valorizável*, *fungoso*), (ii) denominal (*arbitral*, *caloroso*, *calorento*, *algébrico*) e (iii) deadjetival (*lentinho*, *quentito*, *chato* (fam. PB)). Outro exemplo é o de 2.2.

Os constituintes morfo-lexicais podem ser mais e menos opacos, consoante a sua significação não se encontra/se encontra clara na atual sincronia da língua. A identificação de um constituinte opaco, como *fer* em *aferir*, *conferir*, *referir*, *preferir*, faz-se formalmente por segmentação e identificação em outros lexemas da língua.

Os constituintes transparentes são formalmente identificáveis como unidades morfológicas da língua, por contraste comparativo entre várias palavras que o exibem, e são portadores de informação semântica claramente identificável: *adeusinho*, *anormal*, *casota*, *louvável*, *intratável*, *pulsacão*, *rever*, *tratamento*.

As palavras podem ser

- (i) **simples** (quando contêm um radical simples, não derivado)
- (ii) **complexas**, sejam derivadas [quando contêm pelo menos um radical afixado], ou compostas [quando contêm pelo menos dois radicais e/ou são multilexicais]),
- (iii) **simultaneamente simples e derivadas/conversas**: nomes e verbos formados por conversão (cf. Pereira 2013, Rodrigues 2001, 2013).

O quadro seguinte sintetiza a classificação proposta:

	Palavras simples	Palavras complexas
Palavras não derivadas	<i>casa, belo, gente, amar, ouvir</i>	<i>aceder, conferir, receção, translação</i>
Palavras derivadas	<i>abraço, remendo</i> (N deverbais converso) <i>açucarar, olear</i> (V converso)	<i>caseiro, encadernação, guloso, generosamente, refazer, tranquilidade</i>

Quadro 1. Classes de palavras: simples, derivadas, complexas e não derivadas

No presente estudo analisaremos palavras complexas, derivadas ou não derivadas.

As hipóteses que aqui subscrevemos são as de que no domínio do léxico construído

- (i) há afixos presentes em vários paradigmas e há semantismos derivacionais distribuídos por vários esquemas genolexicais
- (ii) há uma distribuição em contínuo entre afixos exclusivos de um paradigma, como o deverbais *-dor*, e outros que partilham pelo menos dois paradigmas derivacionais, como *-os-*, que opera em deverbais (*abundoso, fungoso*), em

deadjetivais heterocategoriais (*manhoso*) e em deadjetivais isocategoriais (*feioso*)

- (iii) há um contínuo entre afixos exclusivos de uma classe semântico-derivacional, como *-vel* (*analisável*) e outros que partilham pelo menos duas classes semântico-derivacionais, como *-eir-* em *aventureiro/a* e em *pereira*

3. Monovalência e plurivalência semântica de sufixos formadores de nomes denominais

Nas línguas, e a portuguesa não é exceção, há recursos afixais semanticamente mais monossémicos e outros mais polissémicos, uns mais monovalentes e outros mais polivalentes sob o ponto de vista semântico.

O quadro que se segue integra um conjunto de sufixos formadores de nomes denominais que se apresentam distribuídos por classes semânticas. A observação deste quadro mostra que, no amplo conjunto dos nomes denominais, há um contínuo entre afixos exclusivos de uma classe semântico-derivacional e outros que partilham pelo menos duas classes semântico-derivacionais.

16 Sufixos	ato	ama ame	io	ia, edo	aria	ad	ário	eir	ista	ão	al il	ismo	ês
Nomes de quantidade	+	+	+	+	+	+	+						
Nomes locativos				+	+		+	+			+		
N. agente profissional							+	+	+				
N. de 'continente'							+	+		+			
N. de 'fonte' vegetal								+					
N. de conteúdo, golpe, evento						+							
N. de doenças, mal- formações, intoxicações												+	
N. de linguagem hermética													+

Quadro 2. Monovalência e plurivalência semântica de sufixos formadores de nomes denominais¹

¹ Note-se que o sufixo *-ês* é aqui considerado no âmbito da formação de nomes denominais e não na de adjetivos (*genovês*, *montanhês*, *pedrês*). No caso de *-ismo*, o sufixo aqui tido em conta é o que opera na formação de nomes técnicos de doenças, mal-formações, deficiências, intoxicações como *artrritismo*, *esofagismo*, *prostatismo*, *timpanismo*, *uterismo*.

A observação deste quadro permite extrair as seguintes considerações:

- (i) há uma grande dispersão sufixal no âmbito da **expressão da quantidade**, sendo este domínio servido por um grande número de sufixos (9 em 16);
- (ii) a dispersão sufixal é também acentuada nos nomes **locativos**, sufixados em *-ia* (capitania), *-aria* (*peixaria*), *-edo* (*lajedo*), *-ário* (*aviário*), *-eiro/a* (*areeiro*, *pedreira*, *palheiro*), *-al* (*pantanal*) e *-il* (*gatil*) (7 em 16 sufixos).
- (iii) dos sufixos presentes no quadro, há uma significativa coincidência entre os que denotam **quantidade e locatividade**, sendo *-i(a)*, *-ari(a)*, *-ed(o)*, *-ári(o)* e *-eir(o/a)* comuns a ambos os valores;
- (iv) do conjunto dos sufixos presentes no Quadro1, *-ári(o)* e *-eir(o/a)* são os sufixos **semanticamente mais polivalentes**:
 - (iv)'. *-ári(o)* está ao serviço da formação de nomes de quantidade (*mobiliário*), de local (*infantário*, *berçário*), de continente (*ossário*, *relicário*) e de profissional (*ferroviário*, *metroviário*);
 - (iv)'. *-eir(o/a)* está ao serviço da formação de nomes de local (*areeiro*, *lameiro*), de continente (*açucareiro*, *tinteiro*), de profissional (*cozinheiro*) e de fonte vegetal (*pessegueiro*).
 - (iv)'''. o sufixo *-ad(a)* também se apresenta **como bastante versátil**, pois forma nomes de subclasses várias (conteúdo, preparado à base de, evento, golpe, impacto), em função da natureza semântica da base a que se adjunge: nomes de conteúdo (*cilindrada*, *colherada*, *fornada*, *garfada*), preparado à base de (*arrozada*, *cabritada*, *cebolada*), evento (*abrilada*, *belenzada*, *entrudada*, *janeirada*), golpe, impacto (*biqueirada*, *chicotada*, *dentada*, *facada*, *navalhada*)
- (v) a formação de **nomes de agente de atividade** recorre a três sufixos: *-eir-* (*porteiro/a*), *-ista* (*pianista*, *taxista*) e *-ári-* (*bibliotecário/a*); a estes acresce, no âmbito da composição, o constituinte *-log-*, que forma nomes de ‘estudioso de,

especialista em' (*gemólogo, musicólogo, sismólogo*), por vezes ainda sufixado em *-ist(a)* (*musicologista*).

- (vi) os sufixos **menos polifuncionais**, do ponto de vista das classes semânticas de nomes que formam, são *-ism(o)*, *-ist(a)*, *-ês* e *-ão*. Em todo o caso, é importante ter em conta que *-ism(o)* se combina não só com radicais nominais como também com radicais adjetivais (cf. *triumfalismo*), que *-ês* forma numerosos adjetivos (*francês, genovês, pedrês*) e que *-ão* funciona essencialmente como avaliativo (*camisolão, grandão*).

Os sufixos em pauta são portanto bastante versáteis, sobretudo no que à sua polivalência semântica diz respeito.

Na secção seguinte observa-se que alguns sufixos presentes em nomes denominais também ocorrem em outras classes categoriais e/ou semântica de derivados, acoplando-se por vezes também a outras classes lexicais de base.

4. Combinatórias monocategoriais e pluricategoriais: afixos uniparadigma e afixos pluriparadigma

Vamos aqui introduzir os conceitos de :

. Afixos uniparadigma (ou de combinatória monocategorial)

. Afixos pluriparadigma (ou de combinatória pluricategorial)

Sufixo uniparadigma é aquele que, como *-dor*, apenas e sempre deverbal, se caracteriza por uma combinatória monocategorial (relativamente à classe lexical da base: radical verbal), e o de *sufixo pluriparadigma*, aquele que, como os avaliativos, se caracterizam por uma combinatória pluricategorial: *-inh-* combina-se com bases nominais (*luzinha*), adjetivais (*velhinho*), verbais (*chapinhar*), adverbiais (*agorinha, cedinho*), pronominais (*euzinho, essazinha* [PB]), gerundivas (*dormindinho* [PB]).

Na língua portuguesa existem, pois, afixos de combinatória monocategorial, como *-mento* ou *-vel*, sempre e apenas deverbais, e outros de combinatória

policategorial, como os avaliativos e muitos prefixos (*desapego, desigual, desfazer, desuso*). Essa constatação há muito foi feita (Rio-Torto 1993, 1998). Mas à medida que tem progredido o estudo dos sufixos e dos prefixos do português adensa-se a constatação de que a maior parte dos afixos da língua é, se não de combinatória multicategorial, pelo menos de combinatória bicategorial. Acresce que (cf. 4.3.) por vezes a dualidade categorial não se manifesta com o mesmo peso nas duas possibilidades combinatórias, assim se justificando que se caracterizem os afixos como tendencialmente deverbais, deadjetivais, ou deverbais. Por exemplo: *-os-* é tendencialmente mais denominal que deverbais. É mesmo possível traçar uma escala das tendências combinatórias de *-ismo*: mais denominal (*alterofilismo, clubismo, darwinismo, despesismo, sportinguismo*) que deadjetival (*cabotinismo, desportivismo, sensacionalismo, pedantismo, triunfalismo*) e ainda menos deverbais (*concentrismo, deambulismo, transformismo*). Através do número de > sinaliza-se a maior (>>>) e menor (>) representatividade do valor derivacional.

-ismo	>>> denominal (<i>despesismo</i>) >> deadjetival (<i>desportivismo</i>) > deverbais (<i>deambulismo</i>)
-os-	>>> denominal (<i>caloroso</i>) >> deverbais (<i>abundoso</i>) > deadjetival (<i>feioso</i>)

Quadro 3. Escala de representatividade decrescente (da esquerda para a direita) de *-ismo* e *-os-*

Em todo o caso, veremos em 4.3. que estas classes afixais, de base categorial, devem ser complementadas com as dimensões da informação semântica (de monovalência ou de pluralvalência) veiculada por cada afixo.

4.1. Presença de sufixos formadores de nomes denominais em outros paradigmas

Vamos aqui retomar as formas afixais de nominalização referidas em 3. e analisar a sua presença em outros paradigmas genolexicais: o sufixo *-ia* também ocorre em nomes deadjetivais (*alegria, valentia, soberania, tirania*), do mesmo modo que *-al, -eir-, -il, -ista*

também ocorrem em adjetivos denominais, como em *ambiental* [atentado ambiental], *vidreira* [*indústria*]), *primaveril* [tempo primaveril], *papista* [mais papista que o Papa], *terrorista* [terrorista].

No quadro seguinte explicita-se a distribuição disjuntiva entre sufixos formadores de nomes (de estado) e de adjetivos (denominais). O sinal + representa presença de exemplares derivados e o sinal - ausência destes.

16 Sufixos Classe de derivado	ato	io, ia	ado	aria	eira	ismo	-ad(o/a)	-ári-	-eir-	-i(o/a)	ista	ão	al il	ês
Nomes de estado	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-		-
Adjetivos	-	-		-	-		+	+	+	+	+	+	+	+

Quadro 4. Distribuição disjunta de sufixos formadores de nomes e de adjetivos

O quadro seguinte ilustra também que alguns dos sufixos formadores de nomes denominais, presentes no quadro 2., são igualmente (i) formadores de nomes deadjetivais dando origem a nomes de estado em *-ato*, *-ia*, *-io*, *-ado*, *-ária*, *-eira*, *-ismo*, e (ii) formadores de adjetivos denominais sufixados em *ad(o/a)*, *-ári-*, *-eir-*, *-i(o/a)*, *-ista*, *-ão*, *-al*, *-il*, *-ês*). O quadro seguinte apresenta exemplos concretos de nomes portadores destes sufixos. O sinal - representa ausência de dados atestados.

Classe da Base Sufixo	Base Nominal	Base Adjetival	Base Verbal
-ado	<i>ducado</i>	<i>protetorado, voluntariado</i>	<i>calçado, mau-olhado</i>
-ad(o/a)	<i>frutado, mentolado</i>	-	<i>cansado/a</i>
-al	<i>fenomenal, outonal, penhascal</i>	<i>angelical (ant.), festival, mundanal (ant.), terreal (ant.)</i>	<i>estendal, passal</i>
-ão	<i>montanhão</i>	<i>amigão, teimosão</i>	<i>intrujão, respondão</i>
-aria	<i>pedraria, tinturaria</i>	<i>calmaria</i>	<i>gritaria, palraria</i>
-ári-	<i>partidário, rodoviário</i>	(lat.) <i>falsário</i>	<i>comentário</i>
-ato	<i>estrelato, mecenato</i>	<i>anonimato</i>	<i>mandato</i>
-eira	<i>jeiteira, trabalhadeira</i>	<i>gagueira, tonteira</i>	<i>canseira, coceira, torreira</i>
-eir-	<i>costumeiro, ordeiro</i>	<i>enfermeiro/a, frieira</i>	<i>fervilheiro</i>
-ês	<i>pedrês, futebolês, genovês</i>	<i>maternalês, mimalhês</i>	<i>emigrês</i>
-ia	<i>directoria, mordomia</i>	<i>alegria, melhoria</i>	<i>correria</i>
-io	<i>rapazio, senhorio</i>	<i>piorio</i>	<i>pousio</i>
-i(o/a)	<i>concelhia, gentio</i>	<i>bravio/a, fugidio/a</i>	-
-il	<i>pernil, senhoril</i>	<i>mercantil</i>	-
-ismo	<i>aparelhismo</i>	<i>nervosismo, triunfalismo</i>	<i>facilitismo, transformismo</i>
-ista	<i>instrumentista, pianista</i>	<i>alpinista, criminalista</i>	<i>calculista, chupista</i>

Quadro 5. Polivalência combinatória: sufixos formadores de nomes denominais em outros paradigmas

Como se observa no quadro acima, nem todos os sufixos são caracterizados por uma polivalência categorial idêntica, sendo uns mais multicategoriais que outros. Das combinatórias sinalizadas, umas são mais prototípicas que outras. A presença de algumas formas similares às já atestadas em latim, como *falsário*, *comentário*, destina-se apenas a mostrar como a possibilidade combinatória e de *-ári-* com adjetivos e com verbos é diminuta no português, sendo a denominal a mais prototípica e disponível. O mesmo se aplica a *angelical* (ant.), *mundanal* (ant.), *terreal* (ant.), marcados como antigos, pois esta possibilidade combinatória de *-al* não está representada no português contemporâneo, sendo a combinatória denominal a claramente produtiva e disponível.

Os sufixos nominalizadores em apreço não só são semanticamente polivalentes dentro de um dado paradigma categorial (por exemplo, o de nominalização denominal), como são também capazes de (i) funcionar em outros paradigmas categoriais, combinando-se com bases adjetivais e verbais, formando em alguns casos nomes e

adjetivos e, como tal, são capazes de (ii) serem de novo semanticamente portadores de sentidos diferenciados.

Trata-se de formas afixais que podem ser quadruplamente polivalentes: (i) categorialmente formadores de nomes (ii) e/ou de adjetivos (cf. *-ári-*, *-eir-*, *-i(o/a)*, *-ista*, *-ão*, *-al*, *-il*, *-ês*), (iii) dotados de polivalência semântica intraparadigmática (cf. *-ári(o)* ou *-eir(o/a)* nominalizadores denominais) e (iv) dotados de polivalência semântica interparadigmaticamente considerada (cf. *-eir(o/a)* formador de adjetivos e de nomes denominais).

4.2. Partilha de sufixos nos paradigmas de nominalização deverbal, denominal e deadjetival

Vamos de seguida observar quatro paradigmas genolexicais de nominalização:

- (i) o que forma nomes deverbais de evento
- (ii) o que forma nomes deverbais de indivíduo/instrumento,
- (iii) o que forma nomes deadjetivais e
- (iv) o que forma nomes denominais, sendo neste apenas seleccionados os afixos que estão presentes nos anteriores paradigmas.

No quadro que se segue os dados são organizados por paradigmas morfoderivacionais (classe lexical da base e classe semântica de *output*) e pelos afixos e/ou processos envolvidos na sua construção.

GRAMÁTICA DO LÉXICO. PARTILHA DE RECURSOS E DE PROCESSOS MORFOLEXICAIS

Sufixos \ Nomes	deadjetivais	de evento deverbais	de actantes deverbais	denominais
(1) <i>-idade</i> ²	<i>insularidade</i>	-	-	
(2) <i>-ez</i>	<i>pequenez, solidez</i>	<i>embriaguez</i>	-	
(3) <i>-eza</i>	<i>leveza, tristeza</i>	-	-	
(4) <i>-idão</i>	<i>gratidão, rouquidão</i>	-	-	
(5) <i>-ura</i>	<i>bravura, frescura</i>	-	-	
(6) <i>-eir-</i>	<i>snobeira, tonteira</i>	<i>canseira, coceira, chieira, chinfrineira, quebreira, torreira, zoeira</i>	-	<i>cerejeira, garrafeira, tinteiro</i>
(7) <i>-ia</i>	<i>alegria, ousadia</i>	<i>correria</i>	-	<i>serrania</i>
(8) <i>-ice</i>	<i>burocratice, velhice</i>	<i>bajulice, chafurdice, resmunguice</i>	-	
(9) <i>-ismo</i>	<i>amiguismo, triunfalismo</i>	<i>facilitismo, transformismo</i>		<i>darwinismo</i>
(10) <i>-or</i>	<i>amargor, torpor</i>	<i>ardor, queimor</i>	-	
(11) <i>-ume</i>	<i>azedume, negrume</i>	<i>ardume, queixume</i>	-	
(12) <i>-agem</i>	<i>friagem, libertinagem</i>	<i>colagem, lavagem, secagem</i>	-	<i>criadagem</i>
(13) <i>-aria</i>	<i>calmaria</i>	<i>gritaria, vozeria</i>	-	<i>enfermaria, vacaria</i>
(14) <i>-ção</i>	-	<i>conservação, manuseamento</i>	-	
(15) <i>-mento</i>	-	<i>envolvimento, fornecimento</i>	-	
(16) <i>-nç-</i>	-	<i>espalhanço, falhanço, liderança, matança, mudança, rapinanço</i>	-	
(17) <i>-dela</i>	-	<i>cuspidela, ferroadela, tosquiadela</i>	-	
(18) <i>-d (a, o)</i>	-	<i>consoada, despedida, investida</i>	-	
(19) <i>-ço</i>	-	<i>cagaço, cansaço, sumiço</i>	-	
(20) <i>-ncia</i>	-	<i>aderência, anuência, fluência, traficância</i>	-	
(21) <i>-dura</i>	-	<i>cozedura, mordedura</i>	-	
(22) <i>-ão</i>	-	<i>encontrão, esticão, tropeção</i>	<i>esfregão, lambão, queimão</i>	<i>papelão, vidrão</i>
(23) <i>-deira</i>	-	<i>brincadeira, chiadeira, choradeira, moedeira</i>	<i>caçadeira, fritadeira</i>	
(24) <i>Composição VN</i>	-	<i>lava-pés, rega-bofe</i>	<i>corta-unhas, lambe-botas lava-louça, troca-tintas</i>	
(25) <i>Conversão não afixal</i>	-	<i>agito, envio, desvio, socorro, treino</i>	<i>agasalho, fisga, guia, lixa, mira, trincha, troço</i>	
(26) <i>-nte</i>	-	-	<i>adelgaçante, exfoliante</i>	
(27) <i>-dor</i>	-	-	<i>aquecedor, batedor, ventilador(a)</i>	

Quadro 6. Sufixos nominalizadores [\pm comuns] a nomes deverbais, deadjetivais e denominais

² Não considero, para já, a possibilidade de *-idade* se combinar com nomes porque, além de ser residual, quando tal acontece, as bases nominais são tomadas predicativamente (cf. *portugalidade*). Mas não se exclui que no futuro essa possibilidade combinatória seja ampliada.

Dos paradigmas nominais aqui estudados, verifica-se que os sufixos se distribuem por duas grandes classes: (i) sufixos exclusivos de um dado paradigma e (ii) sufixos comuns a vários paradigmas.

1. Sufixos exclusivos de um dado paradigma

- 1.1. O paradigma no âmbito do qual se formam **nomes deadjetivais** apresenta cinco sufixos que lhe são exclusivos: *-idade (oleosidade)*, *-ez (avidez, timidez)*, *-eza (leveza)*, *-idão (mansidão)*, *-ura (lisura)*
- 1.2. O paradigma no âmbito do qual se formam **nomes deverbais de evento** apresenta oito sufixos que lhe são exclusivos: *-ção (proibição)*, *-mento (lançamento)*, *-d- (partida)*, *-nç- (mudança)*, *-ncia (traficância)*, *-ço (sumiço)*, *-dela (molhadela)*, *-dura (cozedura)*
- 1.3. O paradigma no âmbito do qual se formam **nomes deverbais de indivíduo/instrumento** apresenta dois sufixos que lhe são exclusivos: *-dor (consumidor, lavrador)* e *-nte (aprendente)*

2. Sufixos comuns a vários paradigmas

- 2.1. são comuns a **nomes deadjetivais e deverbais** oito sufixos: *-eir-*, *-ia*, *-ice*, *-ismo*, *-or*, *-ume*, *-agem*, *-aria* sendo que *-ia*, *-ismo* e *-ice* ocupam os lugares 2, 3 e 4 (Rio-Torto 2013) na escala de produtividade de nomes deadjetivais
- 2.2. são comuns a nomes deverbais de evento e de indivíduo/instrumento dois sufixos: *-ão* e *-deira* e dois processos não afixais: nominalização verbal conversiva e composição VN.
- 2.3. são comuns a nomes deadjetivais e denominais cinco sufixos (*-eir-*, *-ia*, *-ismo*, *-agem*, *-aria*).

Sintetizando: como o quadro seguinte explicita, se não considerarmos os sufixos menos produtivos na língua, há, no conjunto em análise, quase tantos sufixos específicos de um paradigma derivacional quanto os que são comuns a dois paradigmas categorialmente contíguos.

Processos	Nomes deadjetivais	Nomes deverbais de evento	Nomes deverbais de actante: 'que V'
Sufixação	5 sufixos exclusivos: <i>-idade, -ez, -eza, -idão, -ura</i>		2 sufixos exclusivos: <i>-dor e -nte</i>
	8 sufixos em comum: <i>-eir-, -ia, -ice, -ismo, -or, -ume, -agem, -aria</i>		
		8 sufixos exclusivos: <i>-ção, -mento, -d-, -nç-, -ncia, -ço, -dela, -dura</i>	
	2 sufixos em comum: <i>-ão e -deira</i>		
Conversão	-	nominalização deverbal conversa	
Composição	-	composição	

Quadro 7. Processos/recursos nominalizadores (in)específicos de nomes deverbais e deadjetivais

Dos sufixos formadores de nomes deadjetivais, o mais representado é *-idade*, seguindo-se-lhe por ordem decrescente *-ia, -ismo, -ice, -ez, -eza, -idão* e *-ura*. A observação do quadro acima revela que *-ia, -ice e -ismo* não são exclusivos de um só paradigma, mas pelo menos de dois. Por seu turno, dos sufixos exclusivos do paradigma de formação de nomes deadjetivais, *-ez, -eza, -idão, -ura* são quase inexpressivos na língua contemporânea, o que deixa espaço para uma ampla atuação de *-idade*. Razões intraparadigmáticas explicam, pois, a grande disponibilidade e produtividade de *-idade* no âmbito deste paradigma.

Como se observa no quadro anterior, os nomes de **acção/situação deverbais** partilham sufixos (v.g. *-agem, -mento*) com **nomes de quantidade** (*corretagem* vs. *metragem; lavagem* vs. *ramagem; lavagem* vs. *criadagem, aluimento* vs. *armamento*) e com **nomes essivos** (*secagem* vs. *camaradagem; correria* vs. *ousadia, palraria e patifaria, coscuvilhice* vs. *patetice, cretinice*). Em alguns casos (*martelada, pincelada tesourada*) torna-se difícil dirimir se se trata de um deverbal ou de um denominal (cf. *paulada, punhalada, palhaçada, abrilada, entrudada*).

Alguns sufixos de **adjetivalização denominal** são formalmente iguais aos de **quantidade** (*semestral* vs. *choupal*, *senhoril* vs. *gatil*, *aventureiro* vs. *esterqueira*) e de **indivíduo denominal** (*petroleira* [indústria] vs. *dedeira*, *garrafeira*, *galinheiro*).

Esta constatação, comum aos sistemas derivacionais das outras línguas românicas, retira força à premissa usada em morfologia distribucional de que as bases não necessitam de ser marcadas categorialmente, sendo subespecificadas em função do afixo. Se assim fosse, *secagem* poderia ser interpretado como deverbal (‘processo de secar’) e como denominal (‘conjunto de secas’), pelo que se torna difícil não prever no sistema que *-agem* se combine com duas classes categoriais de base. O mesmo se aplica a *trabalheira*, deverbal (‘ação de V’) e denominal (‘trabalho intenso’).

4.3. Combinatória monocategorial/pluricategorial e monovalência/polivalência emântica

Nesta secção vamos observar que uma completa descrição das classes afixais de base categorial deve ser complementada com a consideração das classes semânticas dos afixos, tendo em conta portanto a informação semântica (a monovalência ou a plurivalência) veiculada por cada afixo.

Com exceção dos afixos claramente uniparadigma, até sob o ponto de vista estritamente categorial torna-se mais apropriado descrever um afixo como “de combinatória tendencialmente monocategorial ou tendencialmente pluricategorial”, e não tanto como “de combinatória monocategorial/pluricategorial”, pois esta propriedade não é rigidamente dicotómica, manifestando-se antes como mais/menos tendencial ou mais/menos prototípica.

Por isso se poderá dizer apenas que um sufixo é tanto mais uniparadigma quanto de combinatória monocategorial ou, *mutatis mutandis*, que um sufixo é tanto mais pluriparadigma quanto de combinatória pluricategorial. Mas, se associarmos a esta caracterização categorial, as dimensões semânticas envolvidas na afixação, os postulados anteriores só parcialmente são válidos. Os sufixos avaliativos são pluricategoriais nas suas possibilidades combinatórias e semanticamente monocategoriais ou monovalentes.

O conjunto dos sufixos uniparadigma da língua portuguesa é certamente menor do que o dos pluriparadigma, já que grande parte dos sufixos é menos específica em

relação aos paradigmas derivacionais, servindo dois ou mais em simultâneo: *-ud-*, no presente continua prevalentemente denominal (cf. *carnudo*), mas também ocorre em deadjetivais (cf. no PB *boazuda, gostosuda, loiruda*). As suas ocorrências em formas deverbais, como em *caluda* (cf. RIO-TORTO (2005), são residuais, pelo que são totalmente atípicas.

Se tivermos em conta as combinatórias categoriais e as semânticas, provavelmente são também mais escassos os sufixos semanticamente monovalentes. Todavia, só uma descrição cabal dos afixos de cada língua quanto ao seu grau de monocategorialidade e de pluricategorialidade e de polivalência /monovalência semântica pode confirmar, ou não, estas considerações.

Não há uma relação biunívoca e muito menos sistemática entre a natureza monocategorial ou pluricategorial e a monovalência ou plurivalência semântica de um afixo. No quadro seguinte observamos quatro possibilidades, e bem assim a porosidade de recursos afixais entre classes com função predicativa, como o adjetivo e o verbo, mas também entre classes com capacidade denominativa, como o nome substantivo e, em menor grau, o adjetivo.

Correlações	1. Base e derivado	2. Base e derivado
(i) <i>-ice</i> : várias combinatórias (A, V), um sentido comum:	Base N : <i>palermice, patetice</i> 'situação' ('estado' e/ou evento'), 'atitude'	Base V: <i>chafurdice, intrujice</i> 'situação' ('estado' e/ou evento'), 'atitude'
(ii) <i>-al</i> : várias combinatórias, vários sentidos:	Base N : <i>choupal, lamaçal</i> 'local de grande quantidade de' 'grande quantidade de'	Base A : <i>carnal, semanal, outonal</i> 'relativo a' 'típico, próprio de'
(iii) <i>-ud-</i> : uma combinatória preferencial, um sentido:	Base N : <i>carnudo, peludo</i> 'que tem muito x'	Base A : <i>boazuda, gostosuda, loiruda</i> (ling. informal e fam. PB) 'que é A em grau elevado'
(iv) <i>-ada</i> : uma mesma combinatória, vários sentidos:	Base N: (i) conteúdo: <i>colherada, garfada</i> (ii) preparado à base de: <i>cebolada, goiabada</i> (iii) evento: <i>abrilada, entrudada</i> (iv) golpe/impacto: <i>cotovelada, facada</i> (v) quantidade de : <i>passarada</i> (vi) intensidade: <i>jantarada, pratada</i>	

Quadro 8. Relações de mono/pluricategorialidade e de mono/polivalência semântica

Quanto mais uniparadigma é o sufixo (cf. *-idade*), menos semanticamente plurifuncional (não necessariamente mais específico) ele tende a ser.

Mas nem sempre quanto mais pluriparadigma mais inespecífico o sufixo é: *-ice* é exemplo desta realidade, pois mantém o mesmo semantismo em todos os paradigmas (deadjetival, deverbal) em que opera. Em regra, os sufixos comuns a vários paradigmas mantêm a informação semântica que aportam ao derivado. Em todo o caso, essa informação é indexada à da base a que se acoplam, como se ilustra através dos exemplos em *-ismo* (cf. Barbosa 2012), cuja significação mais precisa do derivado revela inflexões em função da da base.

Base	Derivado e sua denotação
N antropónimo	sistema conceptual, doutrinal, de pensamento, de mentalidade, religioso, ideológico, filosófico, científico relacionado com o que a base denota (<i>marxismo, petrarquismo</i>)
N de época e sua cultura	correntes estéticas ou culturais associadas ao que a base denota (<i>quatrocentismo, setecentismo</i>)
N comum de sentido diverso	tendência para pôr em prática de forma regular ou sistemática algo relacionado com o que a base significa (<i>despesismo, documentarismo</i>), culto excessivo do que a base denota (<i>aparelhismo, basismo, clubismo</i>)
	simpatia ou inclinação persistente para com o que a base denota (<i>alcoolismo, desenvolvimentismo, divorcismo, partidismo, rigorismo, rotulismo, segredismo, sigilismo, tabaquismo</i>)
N de entidade da área desportiva	prática ou atividade desportiva relacionada com o que a base denota (<i>atletismo, canoismo, caravanismo, pára-quedismo, surfismo</i>)
N de parte do corpo	patologia (<i>adenoidismo, artritismo, tiroidismo, prostatismo, timpanismo, uterismo</i>) ou intoxicação assentes no que o radical de base denota (<i>cantaridismo, nicotinismo</i>).

Quadro 9. Indexação do semantismo do derivado em *-ismo* ao semantismo da base

De igual modo, a multategorialidade combinatória, que se verifica por exemplo com *-ão*, associável a bases nominais (*cadeirão, teatrão*), adjetivais (*amigão, valentão*) e verbais (*abanão, choramingão*), atesta pervasividade semântica e mesmo interseção de domínios conceptuais, como sejam o de agentividade (*choramingão, intrujão*) ou de eventividade (*empurrão, entalão*) e de intensificação. Neste sentido, e tendo em conta as informações semânticas carreadas pelos afixos no âmbito do paradigma de formação de nomes de evento, e o tipo de moldagem que a estes imprimem, torna-se problemático aceitar uma «lexeme-based morphology», em que são

apenas as palavras que constituem a base do conhecimento lexical. Por certo os afixos são morfemas não autónomos, mas o seu papel semântico não é despreciando, sendo de resto o uso dos que envolvem níveis mais abstratos de informação os de mais tardio domínio. Por isso se reitera a nossa discordância face à minimização dos chamados constituintes ‘infra-lexicais’, e que as seguintes palavras ilustram: «affixes are not lexical items by themselves: they only exist as parts of complex words, and as parts of abstract schemas for these complex words» (Booij 2007: 34).

O quadro seguinte ilustra algumas das possibilidades de interseção das dimensões semânticas e categoriais associadas ao uso de alguns sufixos.

	Monovalência semântica	Plurivalência semântica
Monocategorialidade combinatória (afixo uniparadigma)	<i>-idade</i> : nomes deadjetivais ‘propriedade relacionada com A’	<i>-ada</i> : nomes denominais de ‘conteúdo de N’, ‘preparado à base de N’, ‘evento relacionado com N’, ‘golpe/impacto com/em N’, ‘quantidade de N’, ‘N em intensidade’
Pluricategorialidade combinatória (afixo pluriparadigma)	<i>-inh-</i> : nomes denominais, adjetivos deadjetivais, verbos deverbais com valor ‘diminutivo/atenuativo’	<i>-ismo</i> : nomes denominais (‘prática, atividade desportiva relacionada com N’; ‘patologia, intoxicação relacionada com N’), nomes deadjetivais (‘propriedade, sistema conceptual, doutrinal, de pensamento, de mentalidade, religioso, ideológico, filosófico, científico relacionado com o que a base denota’)

Quadro 10. Mono/pluricategorialidade em correlação com a mono/polivalência semântica de quatro formas sufixais

4.5. Uma visão das interrelações entre paradigmas genolexicais

Enquanto não dispomos de um ‘diagrama relacional e interativo por objetos/3D’ que nos permita visualizar o funcionamento tridimensional (tendo em conta a base, o afixo e o produto) e em rede dos afixos da língua portuguesa, temos de nos limitar a observar em modelo linear algumas das dimensões que escoram esse mesmo funcionamento. O próximo passo consistirá, pois, em delinear, de forma visualmente

mais consentânea, a rede de interrelações que se estabelece entre paradigmas genolexicais, seja ao nível dos recursos, seja ao nível dos grandes espaços ou domínios de semantismo genolexical que espaldam o léxico construído da língua.

O esquema seguinte permite observar as grandes dimensões semânticas que travejam os paradigmas de nominalização e de adjetivalização e respetivas subclasses categoriais.

Nele se explicitam nas linhas as dimensões semânticas (de eventividade, de entidade e de propriedade) codificadas pelo nomes; cada coluna diz respeito a uma dada classe morfocategorial dos produtos nominais (consoante se trata de deverbais, de denominais, de deadjetivais); em cada coluna, os nomes estão organizados em função do semantismo que veiculam.

A secção mais abaixo do quadro diz respeito aos adjetivos, sejam deverbais ou denominais.

NOMES <i>sentidos</i>	Nomes deverbais e deadjetivais	Nomes denominais	
<i>eventividades</i>	Evento Deverbal	Evento Denominal	Golpe/impacto
<i>entidades</i>	Indivíduo Deverbal	Indivíduo Denominal	‘Fonte’, Locativo Contentor, Conteúdo
<i>propriedades</i>	Essivo deadjetival	Quantidade	

ADJETIVOS	Adjetivo Deverbal	Adjetivo denominal
-----------	-------------------	--------------------

Quadro 11. Rede de conexões semântico-categoriais entre domínios genolexicais

Deste mapeamento, destaca-se o facto de o léxico dos nomes construídos laborar com base em três grandes dimensões semânticas — (i) a de eventividade, (ii) a de entidade e (iii) a de propriedade —, e de estas serem transversais a nomes deverbais, deadjetivais e denominais. A coesão interna deste domínio genolexical é claramente marcada por notória robustez.

No âmbito da expressão das propriedades, as de base adjetival prestam-se a outros sentidos figurais, na maior parte dos casos metonímicos (atitude: cf. *tonitice*); no âmbito dos nomes denominais a propriedade codificada de forma mais saliente é a quantidade.

5. Conclusões

Espaldado em dados empíricos do português contemporâneo, o presente estudo revelou a existência de duas grandes classes de afixos: (i) os afixos presentes em vários paradigmas, sejam categoriais (tendo em conta a classe lexical de *input* e de *output*), sejam semânticos; (ii) e os afixos presentes em um só paradigma categorial e/ou semântico.

Aos afixos de **combinatória monocategorial** chamamos **afixos uniparadigma** e aos de **combinatória pluricategorial** **afixos pluriparadigma**. **Quanto ao seu semantismo, os afixos podem ser monovalentes ou polivalentes.**

O estudo efetuado mostra a polivalência semântica e categorial de muitos afixos, o que coloca interessantes questões sobre a complementaridade ou competição (Rodrigues 2008, Rio-Torto 2012, e em preparação) entre recursos afixais intraparadigmáticos e interparadigmáticos.

Na reflexão efetuada assinala-se uma distribuição em contínuo entre afixos exclusivos de um paradigma, como o deverbal *-dor*, e outros que partilham pelo menos dois paradigmas derivacionais, como *-ice* (deadjetival, em *palermice* e deverbal em *aldrabice*), ou *-os-*, que opera em deverbais (*abundoso*, *fungoso*), em deadjetivais heterocategoriais (*manhoso*) e em deadjetivais isocategoriais (*feioso*).

Dentro de um paradigma afixal a opção por um afixo pode dever-se a restrições morfológicas de combinatória ente base e sufixo (cf. *-ção* e *-mento*), mas também a questões de dispersão (ou não) de um mesmo afixo por vários paradigmas. Quanto mais

uniparadigma é o sufixo, mais naturalmente ele se presta a uma maior representatividade, como se verifica com *-idade*.

Regista-se uma significativa porosidade e alguma dispersão entre afixos que operam em vários paradigmas categoriais — formando N denominais e deverbais, por exemplo —, e entre afixos ao serviço das três grandes dimensões semânticas que estruturam o sistema de formação de nomes em português: (i) a de codificação de eventividade(s), (ii) a de codificação de entidade(s) e (iii) a de codificação de propriedade(s). Na língua portuguesa um sentido derivacional de eventividade pode ser veiculado por sufixos nominalizadores deverbais e denominais. No que toca à expressão das propriedades, estas podem ser codificadas por nomes deadjetivais e por adjetivos. A estrutura em rede do conjunto dos vários esquemas de nominalização pauta-se por restrições sincrónicas, algumas das quais historicamente explicáveis, cuja descrição sectorial importa continuar a empreender.

Em complemento, o presente estudo deixa entrever que alguns semantismos derivacionais se encontram distribuídos por vários mecanismos genolexicais. Por exemplo, as denominações de agente de atividade materializam-se em nomes denominais, deverbais sufixados, deverbais conversos e em compostos VN. Reflexão mais profunda sobre esta partilha será levada a cabo em trabalho posterior.

Referências

- BARBOSA, Ana I. S. D. Vieira (2012), *Derivação nominal em português. Denominações em -ismo*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- BOUJ, Geert. 2007. “Construction Morphology and the Lexicon”. Fabio Montermini, Gilles Boyé and Nabil Hathout (eds), *Selected Proceedings of the 5th Décebrettes: Morphology in Toulouse*: 34-44. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- CORBIN, Danielle (1987), *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tübingen. Max Niemeyer Verlag.
- RIBEIRO, Sílvia (2010), *Compostos nominais em português. As estruturas VN, NN, NprepN e NA*. München: Lincom.
- RIBEIRO, Sílvia (2011), *Estruturas com SE anafórico, impessoal e decausativo em português europeu*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa. Universidade de Coimbra.
- RIO-TORTO, Graça (1993), *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento (inédita). Universidade de Coimbra. Coimbra.
- RIO-TORTO, Graça (1998), *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto, Porto Editora.
- RIO-TORTO, Graça (2005), *Organização de redes estruturais em morfologia*. In: Graça Rio-Torto, Olívia Figueiredo e Fátima Silva, orgs., *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela* (2 volumes). Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. I, p. 219-235.
- RIO-TORTO, Graça (2008), “Mudança genolexical: teoria e realidade”. *Linguística. Revista de estudos*

- linguísticos da Universidade do Porto*: 3 (1): 224-240.
- RIO-TORTO, Graça (2012), “Morfologia lexical no português médio: variação nos padrões de nominalização”. Tânia LOBO et al. (Orgs.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA: 305-322.
- RIO-TORTO, Graça (em preparação), Complementaridade ou competição entre recursos e processos afixais?
- RIO-TORTO, Graça & Sílvia RIBEIRO (2012), “Portuguese Compounds”, *Probus* 24: 119-145.
- RODRIGUES, Alexandra Soares (2001), *A construção de postverbais em português*. Porto: Granito Editora.
- RODRIGUES, Alexandra Soares (2004), “Condições de formação de nomes postverbais em português”, Graça RIO-TORTO (ed.), *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Livraria Almedina: 129 -185.
- RODRIGUES, Alexandra Soares (2008), *Formação de substantivos deverbais sufixados em português*. München: Lincom (SRL 57+CD-Rom).
- RODRIGUES, Alexandra Soares (2009), “Portuguese converted deverbal nouns: constraints on their bases”, *Word Structure* 2: 69-107.
- RODRIGUES, Alexandra Soares (em publicação), *On nominalisation: syntax and lexicon in duel*.
- RODRIGUES, Alexandra Soares & Graça RIO-TORTO (2013), “Semantic coindexation: evidence from Portuguese derivation and compounding”, Pius TEN HACKEN & Claire THOMAS (ed.), *The semantics of word formation and lexicalization*. Edinburgh, Edinburgh University Press: 161-179.
- RODRIGUES, Alexandra Soares (2001), *A construção de postverbais em português*. Porto: Granito Editora.
- VIEIRA, Ilda Maria Tavares (2010), “Nominalizações em -da: uma aproximação”. *elingUP - Revista electrónica de linguística dos estudantes da Universidade do Porto*. Fac. de Letras da Universidad do Porto (Portugal) 2 (1): 5
-